

## **O conhecimento histórico segundo Nietzsche**

**Marcelo de Mello Rangel**  
**Doutorando em História - PUC-Rio**

Pretendemos mostrar a fraqueza do homem oitocentista, especialmente dos historiadores do século XIX, segundo Nietzsche. Homens que não aceitavam o que a vida é em sua dimensão mais basal, a saber, um ter de fazer realidade sempre novamente. Veremos que Nietzsche afirma que os historiadores eram, em sua maioria, espíritos fracos, que buscavam se proteger do que a vida é essencialmente, pois não suportavam a consciência de que todo o construído está fadado a se des-realizar e a ter de ser realizado novamente, e novamente, sempre com sangue novo e próprio.

Os historiadores buscavam, a qualquer preço - o que diz perigo, evadir-se da vida através da criação de passados regulares e irrefutáveis. Acompanharemos, também, a tensão necessária que se estabelece desde a tarefa individual, que é o saber lembrar e esquecer no momento certo. Lembrar e esquecer que aparece como tarefa, mas que, todavia, é mais originariamente avalanche que perfaz sempre-já. Melhor dizendo, sempre que o homem vê, que lembra, é porque sempre-já esqueceu e, desconcertantemente, sempre que esquece sempre-já viu. Aqui aparece a necessidade de aceitação de que qualquer acesso ao passado é possibilitado por um interesse/situação sempre-já oferecido e renovado, isto porque a vida, em seu movimento necessário de des-realização de tudo quanto é criado, lança/projeta a todos, historiadores ou não, num jogo incessante de lembrança e esquecimento, que significa ver, consciência e, ao mesmo tempo, frouxidão, sono, esquecimento e, por fim,

mudança inevitável e imperceptível de rota, de critério, de perspectiva. Perceberemos, ainda, que Nietzsche vai de encontro à concepção estável de conhecimento histórico, todavia, não deixa de ressaltar a necessidade de continuarmos visitando o passado, conhecendo-o, o que diz co-nascendo, desde a única forma que nos é possível, isto é, sempre perspectiva, uma aventura que desde bons encontros tem como fundo a realização afirmativa da vida.

Começemos com uma citação de Nietzsche que apresenta a *Segunda Consideração Intempestiva*:

Nestas considerações, deve ser em verdade apresentado, porque instrução sem vivificação, o saber no qual a atividade adormece; a história tomada como um precioso supérfluo e luxo do conhecimento deveria ser [...], verdadeiramente odiosa para nós – na medida em que ainda nos falta o necessário. Certamente precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber, por mais que este olhe certamente com desprezo para as nossas carências e penúrias rudes e sem graça. Isto significa: precisamos dela para a vida e para a ação não para o abandono confortável da vida e da ação... [**Segunda Consideração Intempestiva, p. 5**]

Na medida em que a ciência histórica aparece desde uma desmedida, de um exato e “precioso supérfluo e luxo do conhecimento”, ela não se apresenta como anunciadora do que é efetivamente, sendo sim, puro “embelezamento”, o que diz desejo de algo a mais que não pode ser realizado pelo homem. Neste sentido, a ciência histórica torna-se uma fonte gigantesca de poder ressentido, de poder que não ausculta o que é “necessário” e que cresce artificialmente melancólico e fracassado, desde uma vontade que quer o que não pode ter – que deseja pura estabilidade, “abandono da ação”.

Um conhecimento “odioso” porque neutraliza aquilo que é o significado mais profundo da vida, a saber, movimento, criação constante e própria.

Nesse sentido, os historiadores aparecem como entes preguiçosos, desinteressados pelo que a vida é verdadeiramente, a saber, segundo palavras de Nietzsche – “... um *imperfectum* que nunca pode ser acabado” [Segunda Consideração Intempestiva, p.7-8]. A ciência histórica oitocentista aparece como um conhecimento que, buscando corrigir a existência, força a cristalização de perspectivas, contribuindo para o abandono do que a vida é essencialmente, sublinho – transformação constante que oferece e necessita dos homens ação, esforço e enfado ininterruptos, o que diz, também, e, sobretudo, pudor e prudência.

Nietzsche fala desde uma sociedade doente, conquistada pelo exagero que é querer perfazer o que não pode ser levado a cabo. Nesse caminho metafísico, os homens, apoiados pelos historiadores, se encontram devastados, repletos de gigantismo, distantes do que vida é mais propriamente. Afirma Zaratustra que:

Vejo e vi coisas piores, e várias tão abomináveis, que não desejaria falar de cada uma delas, mas, a respeito de algumas, tampouco silenciar: homens, precisamente, aos quais falta tudo, salvo que têm demais de alguma coisa – homens que não passam de um grande olho ou de uma grande boca ou de um grande ventre ou de qualquer outra coisa grande; aleijados às avessas, chamo tal gente. [Assim Falou Zaratustra, p. 149]

“Falta tudo”, quer dizer, falta aquilo que é, falta pôr-se à escuta da vida e aceitá-la desde sua dimensão mais basal - um sempre-ter-de-realizar novamente próprio. E sobram grandes olhos, grandes bocas, grandes

orelhas, que ressentidos com aquilo que vida é em sua pro-fundidade (melhor dizendo em seu não ter fundo constitutivo) buscam saborear estabilidade, verdades indiscutíveis que seriam oferecidas por passados tão eminentes quanto imobilizadores, passados que poriam à disposição dos homens os exemplos necessários para a domesticação da vida, o que significa imobilização. Voltemos ao filósofo na sua *Segunda Consideração Intempestiva*:

Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. [**Segunda Consideração Intempestiva, p. 7**]

Nietzsche chama nossa atenção para homens que querem deixar de sofrer, deixar de labutar, de sentir dor, homens que invejam os animais e sua capacidade de ser a cada instante o mesmo composto estável, que “saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo”, modo de ser que não é próprio do homem. Fala-nos de homens que querem fazer da vida uma paragem salvaguardada do devir, “e assim, de manhã até a noite, dia após dia”. Apresenta uma ciência histórica, que se prende ao passado na busca de construir certezas incontestáveis, de forjar modelos que libertariam o homem do ter de fazer sempre novamente com o seu próprio sangue, esse o peso mais pesado. Passado que se torna *magistra vitae*, como se vida fosse coisa circular e não necessitasse, segundo o filósofo, de pudor e prudência para o exercício de criação constante, criação movida por desejos a cada vez propríssimos.

Nietzsche nos anuncia o que faz o homem estar em descompasso, em desmedida em relação à vida. Se Zaratustra pôde afirmar que – “Em verdade, meus amigos, eu caminho entre os homens como entre fragmentos e membros avulsos de seres humanos. E o mais terrível para os meus olhos é que encontro o homem feito em pedaços e esparso como um campo de batalhas ou num matadouro” [**Assim Falou Zaratustra, p. 150**], é porque Nietzsche já havia, em 1874, percebido um certo desejo de conservação, uma vontade de verdade legisladora, um querer ser que ao transcender a condição humana, passa a ser descompostura, ambição, *hybris*. Lançando mão de toda e qualquer operação para realizar o que falta ou para debelar o que lhe parecia excesso, o historiador transformava o mundo num “campo de batalhas”, num “matadouro”.

No parágrafo 341 d’ *A Gaia Ciência*, Nietzsche nos fala do “mais pesado dos pesos”. Ele consiste num certo abrir de olhos que se dá desde o próprio movimento de des-caminho, de des-medida - trata-se da dor mais profunda que se pode sentir. Fala-nos da visita de certo demônio, uma voz aterrorizante que exclama o que vida é em sua radicalidade, ouçamos as palavras de Nietzsche:

Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, e tudo na mesma seqüência e ordem... [**A Gaia Ciência, p. 230**]

Vejamos bem, Nietzsche nos revela a intuição do eterno retorno, uma estrutura que diz mais ou menos assim – homem! dor e glória, enfado e felicidade te acometerão ainda tantas vezes quanto respirares. Pois

bem, nesse fluxo incessante onde tudo volta como oferta e necessidade, aparece o ser da vida que é a sua estrutura de devir e de des-fazeção ininterrupta. Aquele que ouve fica desconcertado, não sabe como agir, não se sente capaz de sustentar tamanho peso. Sente-se ainda mais deslocado da vida, desespera, e irado “lança-se ao chão e range os dentes”. Encontra-se na solidão perfeita, lugar crucial desde o qual põe sua existência em xeque, e apenas uma pergunta passa a merecer atenção, somente ela revolta seus pensamentos insistentemente – “...a questão em tudo e em cada coisa, ‘Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?’”. [**A Gaia Ciência, p. 230**]

Aparece, contudo, nesse momento de solidão, de des-velamento, o modo de ser próprio ao homem. A vida, ou se quisermos o “demônio” que a representa, trata de romper com a esperança, com a espera pelo que haveria de vir e pelo que haveria de ter sido, pelo que haveria de ser, pois sua dinâmica nega a promessa e a apatia. O passado, o presente e o futuro não aparecem desde alguma força autônoma que se desvela progressivamente, pelo contrário, toda a realidade fática é responsabilidade do homem, é sua criação. Voltando a Nietzsche, em sua *Segunda Consideração Intempestiva* – “é preciso que sua brincadeira (a do homem) seja perturbada”. [**Segunda Consideração Intempestiva, p. 8**]

Ao acordar, o homem percebe que sua existência é sempre uma tensão entre o fazer sempre necessário e a consciência de que tudo que realiza quando é “já foi”. Essa aceitação, porém, depende da fortaleza de cada homem, de sua *força plástica* – capacidade individualíssima de suportar o que vida é.

No entanto, suportar o que vida é não depende, apenas, da força plástica de cada homem, diz, também,

saber esquecer o que a própria vida é mais propriamente, um não vale a pena lembrar, que o filósofo critica não possuírem os discípulos mais ferrenhos de Heráclito. A hora necessária do descanso, do sono, da frouxidão, do deixar que a vida nos perpassasse intensamente, de mudanças de caminho não planejadas, infraconscientes, essa é a dimensão **a-histórica**. Melhor dizendo, trata-se do deixar-se ser em meio ao ordinário, à cotidianidade, à tradição, às paixões mais arrebatadoras, caso contrário não se pode ser. Trata-se de um não questionamento acerca do lugar para aonde se vai. Trata-se de um ir que marcado pelo desinteresse teórico é altamente criador, senão vejamos:

Onde encontramos feitos que puderam ser empreendidos pelo homem sem antes imiscuir-se naquela névoa espessa do a-histórico? [...] imagine-se um homem mobilizado e impelido por uma paixão violenta por uma mulher ou por um grande pensamento – como o seu mundo se transforma para ele!  
**[Segunda Consideração Intempestiva, p. 12]**

Esquecimento que convive com a lembrança, vale sublinhar. Certo ir para trás em busca de possibilidades e experiências extraordinárias já realizadas, que informam ao homem que tudo que é extraordinário é possível de ser realizado, sempre novamente. Trata-se de uma insônia, de uma vigilância que quer melhor compreender o que está sendo oferecido em forma de gerúndio – essa é a dimensão **histórica**. Trata-se de um dizer sim a certas possibilidades oferecidas pelo passado, possibilidades que passam a acompanhar o homem em sua aventura criadora. Afinal, o homem também realiza vida desde o passado.

### **Conclusão**

É desde as lembranças, devidamente acompanhadas pelo necessário esquecimento, que o homem reúne material para construir seu dia-a-dia. O homem não deve, segundo Nietzsche, se apegar ao passado desejando conhecê-lo demais, por outro lado, não deve alimentar a ilusão de que é possível esquecê-lo por completo. Uma existência digna, saudável, segundo Nietzsche, deve entremear fazeção e teoria, frouxidão e insônia. A teoria (o saber) auxilia os homens em suas sempre-novas decisões, mas ela deve ceder espaço, o quanto antes, à fazeção, à realização de cotidianos necessitados sempre-novamente pela vida, pois:

A serenidade, a boa consciência, a ação feliz, a confiança no que está por vir – tudo isto depende, tanto nos indivíduos como no povo, de que haja uma linha separando o que é claro, alcançável com o olhar, do obscuro e impossível de ser esclarecido; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico. Esta é justamente a sentença que o leitor está convidado a considerar: O histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura. [**Segunda Consideração Intempestiva, p. 11**]

O homem é, lembrando das palavras do demônio anunciado por Nietzsche n'*A Gaia Ciência*, um sempre-novamente ter de realizar, que assume a dimensão do estar sempre com o passado, esquecendo e lembrando para criar, para juntar. Não há, assim, nesse duplo e concomitante movimento, um momento de descanso como sinônimo de estabilidade, de conservação. As lembranças devem ser enfrentadas, mas apenas na

medida em que auxilia os homens na realização de vida, de novos desafios na maioria das vezes pouco teóricos.

Entre o passado e o presente o homem constrói, faz vida ser efetivamente o que ela é, leva-a a cabo. Não desconsidera o passado e as lembranças, mas trava com eles uma boa luta. Uma luta que enobrece o vencedor, o homem, e que dignifica o perdedor, o passado, a ponto de este ganhar direito a continuar sendo notado, enfrentado. Tudo isso, apenas em razão de ser tal oponente, o passado, um elemento oferecedor de possibilidades, vistas a todo o momento por novos e singulares olhos situados em novos e singulares tempos e espaços.

Enfim, parece ser necessária uma entrega cega à cotidianidade que diz vida, uma entrega sem perguntas, entrega que possibilita ação no tempo certo, no tempo da vida. Frouxidão e esquecimento necessários, que são acompanhados por questionamentos, por um ouvir atento às vozes do passado. Um estar acordado desde um estar sempre-já acometido pelo cansaço e pela sonolência que arrancam e levam consigo muito do já conquistado, do já realizado pelo homem, lançando-o - aqui me refiro especialmente ao historiador - em lugares sempre distintos. A ciência histórica, afinal, até que ponto não passa de uma lembrança que aparece desde o império do a-histórico?

Ainda em tempo, parece valer lembrarmo-nos das palavras de Drummond, palavras que alertam para certa presença ordinária, um soluço imortal que advém do passado, que parece anteceder a toda postura teórica, em nosso caso o exercício historiográfico, e que sempre-já nos contaminou, historiadores ou não - acompanhemos:

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,/ alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,/ em que todos se debruçavam/ na alegria de zombar

dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes/ e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos./ Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava/ que rebentava daquelas páginas. [**Antologia poética, Os Mortos de Sobrecasaca, p. 268**]

**Bibliografia**

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Segunda Consideração Intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.